

# Boas escolas, bons negócios

A Europa apostava na qualidade do ensino e já não precisa recrutar seus executivos em Harvard

DENTRO de três anos a Europa estará unida, sem fronteiras alfandegárias e sem que seus habitantes necessitem de passaporte para viajar, por exemplo, de Londres a Atenas. A união da Europa exige também boas escolas de administração, capazes de formar quadros para gerir os negócios dos 12 países participantes do Mercado Comum. Até bem pouco, a Europa conformava-se com pálidas cópias das famosas escolas norte-americanas como Harvard, Stanford ou Wharton. A capa da revista Fortune, de maio, mostra que algo está mudando, e significativamente. Ela estampa a foto de um português, Antonio Borges, ex-campeão de vôlei pelo seu país, formado em Stanford e atualmente reitor da mais importante escola de administração de empresas da Europa, o Institut Européen d'Administration des Affaires (Insead), situado em Fontainebleau, perto de Paris.

Essas escolas apresentam, de saída, uma vantagem sobre as suas rivais norte-americanas: a fusão de nacionalidades, com estudantes vindos do Japão, da Índia e de mais de 20 países, numa época em que a economia torna-se cada vez mais multinacional. "Uma vantagem é que as pessoas formadas por essas escolas podem se mover por vários países", afirmou Al Fletcher, diretor do departamento de pessoal da Ford europeia. "O que falta nas escolas dos Estados Unidos é esta mistura de culturas. Sem isto, eu não poderia estar trabalhando numa companhia francesa", exultava o inglês Lindsay Owen-Jones, formado pela Insead e trabalhando na empresa de cosméticos l'Oreal.

Além da Insead, Fortune escolheu mais quatro escolas que nada devem às suas concorrentes nos Estados Unidos: a London Business School (LBS); o International Management Development Institute (Imede), de Lausanne; o International Management Institute (Imi), de Genebra; e finalmente o Instituto de Estudios Superiores de la Empresa (Iese), de Barcelona.

Outra vantagem é que elas saem mais baratas do que as dos Estados Unidos. Para participar de um programa de 10 meses na Insead, o estudante paga 16 mil 700 dólares, enquanto em Wharton ou Columbia teria de pagar cerca de 26 mil 500 dólares. Os cursos oferecidos por essas escolas são de curta duração — 18 meses para a London Business School e nove para o International Management Institute. Embora boa parte delas só aceite engenheiros ou economistas, pode-se encontrar nas salas de aulas da Insead um advogado australiano, um arquiteto naval paquistanês, um farmacêutico francês e um gerente de hotel da Suíça.

Preferindo classes com poucos alunos, estudando casos econômicos ou realizando projetos, a Insead passou a ser conhecida não só pelas grandes corporações, mas também no meio acadêmico, graças à batuta do português Borges, um economista que desviou o rumo da escola para que ela se preocupasse com pesquisas. "Com isto conseguimos ser uma das cinco melhores do mundo", orgulha-se. Para tanto, ele usou de bastante pressão sobre os seus professores. "Ou eles produzem pesquisa ou caem fora", diz. Em dois anos, os membros da Insead escreveram 27 livros e uma série de artigos seus foram publica-



dos nas principais revistas acadêmicas.

Se os professores têm de trabalhar, os alunos não são poupadados. Grupos de seis alunos gastam 4 meses e meio trabalhando diretamente com as empresas; estudam, por exemplo, como a France Alcatel foi absorvida pela sua rival Thompson na área de telecomunicações; examinam a estratégia da L'Oréal para lançar um perfume; ou como o empresário Carlo de Benedetti dinamizou a combalida Olivetti. Chegam, com isto, a gastar cerca de 100 horas de estudos por semana. Na Imede, a mais espartana das escolas de administração da Europa, os estudantes são obrigados a trabalhar cerca de 990 horas em 11 meses, o tempo que Harvard gasta em 1 ano e meio. "Minha namorada nunca entendeu por que eu fiquei num mosteiro durante um ano", declarou um estudante. "Só pude ver a Europa quando vim para a casa em Chicago", ajuntou a americana Patricia Sandoz. "Um ano na Imede é como estar na guerra", comentou outra estudante.

Na Imede a exigência nos estudos é pouco compensada pelo estilo da escola que funciona com a precisão de um relógio suíço. Para passar o tempo, eles têm apenas mesas de pingue-pongue. Esta rigidez é um pouco quebrada na França com a Insead. Em maio, ela organiza um concorrido baile, que já se transformou em acontecimento social. No ano passado, num suntuoso castelo de Courances, perto de Paris, montaram um circo com trapezistas, e uma miniatura de locomotiva transportava os hóspedes para um parque floro. O resto do ano é dureza. Mas na International Ma-

nagement Institute, a mais fechada das escolas — que só aceita 52 estudantes —, estudar pode até dar dinheiro. Este ano um grupo de alunos fez relatórios para grandes corporações. Cada empresa pagou 15 mil dólares mais as despesas. A Imi, fundada em 1946 como uma escola destinada a treinar executivos para a Alcan, uma empresa canadense de alumínio, é a favorita da gigantesca Philips. "Para as nossas necessidades, o melhor tipo é alguém que tenha saído da Imi", disse o chefe de administração da empresa.

Com o boom econômico da Europa, os gestores de empresa saídos de uma boa escola são bastante procurados. Só no ano passado, as empresas recrutarão cerca de 3.500 administradores. A London Business School empregou 33 dos seus 84 graduados nas firmas financeiras da City de Londres; e empresas como a casa de edição alemã Bertelsmann, que nunca sonhou ter em seus quadros gente formada por uma escola de administração, começam a empregá-los.

A verdade é que os cursos são caros. A London Business School cobra 14 mil e 400 dólares por 18 meses de ensino (21 mil e 800 dólares para os alunos que não pertencem à Comunidade Econômica Europeia) e a Imi 24 mil e 400 dólares por nove meses. Mas o dinheiro acaba retornando. O salário anual de um recém-formado pelo London Business pode ser de 57 mil dólares. Os graduados pela International Management Development Institute, que pagaram 22 mil para estudar durante 11 meses, podem iniciar sua vida de executivo recebendo 72 mil dólares por ano. Estudar compensa.